



ACESSOS E USOS DA INTERNET POR ADOLESCENTES: PRODUZINDO O *PODCAST* CONEXÃO

Palavras-Chave: EDUCAÇÃO DIGITAL, TECNOLOGIAS, DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Autores(as):

GEOVANA LUNA DOS SANTOS, KAUAN ALVES DA SILVEIRA ARISTIDES, RAYLANE SOUZA DE MOURA, SAMARA LOPES DE OLIVEIRA, VERONICA MARTINS DA SILVA
Prof^a. Dr^a. DANIELA TONELLI MANICA (orientadora), LABJOR - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Em nosso dia a dia, certas tecnologias parecem tão desterritorializadas, que torna-se difícil identificar suas relações e funcionamentos. Assim, buscamos investigar as tecnologias, desde o nosso imaginário sobre elas (Felinto, 2003), o saber fazer, estudo da técnica (Veraszto *et al*, 2009), as infraestruturas visíveis ou invisíveis (Miller; Horst, 2015), as formas como estão corporificadas, incorporadas e cotidianas nas experiências de adolescentes brasileiras (Hine *et al*, 2020). Nos orientamos em torno do Estatuto da Criança e Adolescente, de legislações acerca da Internet e do desenvolvimento ético de tecnologias. Partindo de mapeamentos, passando por discussões teóricas e oficinas, até a produção da série Conexão, buscamos experienciar e refletir sobre as três dimensões da educação digital – cultura digital, tecnologia digital e pensamento computacional (Kaminski *et al*, 2021).

METODOLOGIA:

Ao longo dos 12 meses de pesquisa, tivemos 33 encontros presenciais no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo e 24 encontros online. A frequência de encontros, de duas vezes por semana, das 14h às 17h, nos possibilitou refletir e produzir diversos materiais coletiva e individualmente. Criamos um grupo no WhatsApp, onde compartilhamos links de *podcasts*, notícias e materiais que achamos interessantes para discutir nos encontros, além de conversas livres. Durante os primeiros três meses, fomos nos ambientando na universidade e sendo introduzidas na pesquisa. Conversamos sobre antropologia, debatemos o projeto de pesquisa escrito por Irene do Planalto Chemin e aprovado no Mestrado em Divulgação Científica e Cultural. Ouvimos *podcasts* sobre ciência e tecnologia. Discutimos nossas experiências na escola com a plataforma do Centro de Mídias de São Paulo. Lemos alguns textos do blog do Labirinto escritos por Irene do Planalto Chemin. Tivemos uma aula com a Dra. Clarissa Reche sobre método científico e metodologias de pesquisa e uma aula com o engenheiro de software Bruno Cavalcanti sobre a história dos computadores. Exercitamos tarefas básicas de informática no computador, escrevemos textos de forma coletiva e individual.

Também realizamos a produção de mapas de tecnologias presentes em nossas vidas, observando as infraestruturas e relações práticas, materiais e simbólicas. À medida que discutíamos, fomos percebendo o quão amplamente a tecnologia está presente em nossas vidas – desde objetos que parecem simples, como a catraca do ônibus, até os cabos submarinos que transmitem Internet. Buscamos ser criativas nas formas de representá-las: enquanto duas de nós optamos por criar slides para organizar e ilustrar as nossas ideias, as demais colegas preferiram trabalhar com desenhos, o que trouxe uma perspectiva visual bastante interessante. Fazer e ver todos esses mapas nos impulsionou a observar o espaço ao redor com mais atenção, despertando o senso de estranhamento.

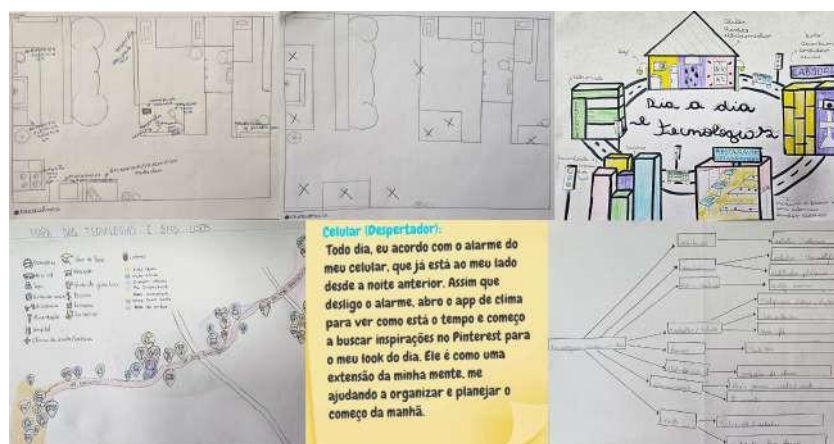


Figura 1 - Colagem dos mapas de tecnologias do grupo (2024).
De cima para baixo: Veronica, Samara, Geovana, Kauan e Raylane

Em meados de novembro, escutamos a interpretação de Cássia Eller da música “Queremos saber” (2001). A partir dessas reflexões, questionamos: o que nós queremos saber? Quais são nossos questionamentos sobre as tecnologias, sobre a educação digital? Sobre quais temas queremos aprofundar, pesquisar, para depois divulgar para outros jovens? Então, fizemos a dinâmica chamada de Mapa Cognitivo, apresentado no Empírica – Caderno de metodologias ITCP/Unicamp (2009). A partir das perguntas mencionadas, cada uma escreveu três ou quatro temas em papéis. Fomos comentando sobre cada tema e organizando os papéis na parede, seguindo o critério de semelhança entre os temas. A dinâmica durou um encontro e meio e o resultado final é a visão geral que o grupo tem sobre educação digital.



Figura 2 - Mapa Cognitivo (2024)

Nos meses de fevereiro e março de 2025, realizamos apresentações e discussões teóricas a partir destes temas, especialmente: conceito de tecnologia (Veraszto *et al*, 2009), antropologia do ciborgue (Alves; Silva, 2021), Marco Civil da Internet (Brasil, 2014; CGI.br, 2013), Estatuto da Criança e do Adolescente (Lopes; Ferreira, 2010; Estado do Paraná, 2022), inteligência artificial e ética (Da Hora, 2022; 2024), análise de conteúdo em memes (Inocêncio; Rebouças, 2021), noção de “nativos digitais” (Prensky, 2001) e o impacto das redes sociais na saúde mental (Mendonça *et al*, 2024). Para mobilizar os debates, a equipe produziu seis apresentações de slides, além de um vídeo.

Iniciamos a produção da série no final de março de 2025, com a coordenação da mestrande e monitora desta pesquisa, Irene do Planalto Chemin. A produção do podcast se coloca como uma experiência educativa, na qual exercitamos técnicas de gravação, edição, divulgação e organização de arquivos (Fleischer; Noronha, 2022; Chemin, 2023). Além disso, a produção do podcast ganha centralidade ao se colocar como uma metodologia de pesquisa, ancorada na observação participante, na pesquisa-ação e na antropologia digital. Assim, as etapas para produzir um podcast podem introduzir o fazer antropológico, assim como enriquecer uma etnografia que abarca relações presenciais e digitalizadas (Chemin *et al*, 2025, no prelo).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Para a preparação da série de *podcast*, realizamos oficinas de criatividade, engenharia reserva, idealização de série, escrita de roteiro, edição de áudio, entre outras. Ao longo de maio realizamos as entrevistas. Ao todo foram seis entrevistas, elaboramos de 5 a 8 perguntas para cada convidado. A maioria das entrevistas aconteceu no estúdio audiovisual do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo e duas aconteceram em outros espaços da Unicamp: no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e no Instituto de Computação. Nos conectamos com pessoas muito legais ao longo das nossas entrevistas e a cada conversa nos tornamos mais poderosas, através dos conhecimentos que fomos aprendendo. Durante duas semanas, analisamos as entrevistas e debatemos os dados e histórias coletivamente.

Os roteiros foram elaborados conjuntamente pela equipe durante o mês de junho e representam diversas trocas de conhecimento que tivemos ao longo da pesquisa. Para organizar a participação da equipe, Irene elaborou o escopo dos roteiros, dividiu em blocos com os principais temas, deixando espaço para as demais pesquisadoras escreverem suas falas, com opiniões, contextualizações e reflexões sobre o tema. Depois, revisamos e ensaiamos todos os roteiros conjuntamente, sempre abertas para melhorias, tornando o assunto o mais didático e envolvente para o público adolescente. Tivemos quatro tardes para gravar a narração das adolescentes, no estúdio audiovisual do Labjor, e foram momentos divertidos para nós, nos quais exercitamos a locução, escutamos nossas vozes e nos apropriamos dos roteiros. Em seguida, na etapa de edição de áudio, Irene teve de tomar a frente diante do curto prazo para a publicação da série de *podcast*. Para a equipe, tratou-se de uma perda considerável no trabalho coletivo, pois exercitar a técnica de edição é muito interessante para nós, que geralmente apenas consumimos os produtos finais do audiovisual.

Porém, tivemos duas tardes (cerca de 5h no total) destinada para a edição conjunta dos episódios, onde realizamos a decupagem de áudios e inserimos efeitos sonoros nos episódios.

A estrutura dos episódios é composta por quatro blocos, totalizando entre 20 e 25 minutos. A trilha sonora foi composta por Veronica Martins da Silva em seu próprio celular no aplicativo BandLab, trata-se de uma batida de hip-hop, com diferentes momentos, que puderam ser aproveitados para a abertura dos episódios, transições entre blocos e fechamento. Os episódios são repletos de efeitos sonoros, que representam poderes tecnológicos, choques, trilhas sonoras de filmes citados, como Senhor dos Anéis, efeitos clássicos de desenhos animados, sons de aplicativos como TikTok e Duolingo, som de câmera, músicas clássicas para ambientar histórias antigas, memes, entre outros diversos sons relacionados aos temas abordados. Também produzimos um teaser, de cerca de um minuto, com áudio e vídeo, realizado por Geovana Luna dos Santos, para convidar a audiência à acompanhar a série.

Cada episódio é apresentado por duas adolescentes da pesquisa, o que possibilitou que cada uma narrasse dois episódios ao longo da série. Os episódios sempre iniciam com uma “cena teatral”, ou um “desabafo”, como Kauan Aristides chamou, onde as duas apresentadoras dialogam sobre alguma situação vivenciada por adolescentes, porém promovendo a reflexão e estabelecendo comunicação com a audiência. As duas adolescentes se apresentam, fazem suas audiodescrições, o que também é feito por todos os convidados da série. Ao final de cada episódio, as apresentadoras lançam uma pergunta para o público refletir e convidam para o próximo episódio.

CONCLUSÕES:

Nesta pesquisa permeada de brincadeiras, imaginações, roteiros, entrevistas e músicas, investigamos as tecnologias em uma perspectiva relacional (Deleuze e Guattari, 2010). Criamos composições entre máquinas, harmônios, celulares, salas de pesquisa, robô-projetor, gravadores e roteiros escritos em papel físico e digital, entre outras peças que fomos coletando durante esta jornada. Inspiradas por Donna Haraway (2009b) e Ursula K. Le Guin (2021), formulamos nossas próprias figurações para compreender as tecnologias e nossa posição enquanto pesquisadoras. Então, nos consideramos como uma liga de ciborgues rastreadores de poderes tecnológicos, como uma atualização dos coletores de ficção, de Le Guin (2021). Identificamos diversos poderes que as tecnologias trazem para nossa vida cotidiana: conexão, invisibilidade, simulação, miniaturização, informação, entre outros, que foram associados a cada episódio da série, quais são: (1) Tecnologias ancestrais – poder de conexão; (2) Algoritmos – poder de invisibilidade; (3) Cronicamente online – poder de simulação; (4) Tecnologias na escola – poderes de miniaturização versus extensão; (5) Tecnologias comunitárias – poder de informação. A série Conexão, publicada no podcast Mundaréu, leva o nome de um dos poderes rastreados pela equipe de pesquisadores.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Lei nº 12.965 - 23 de abril de 2014. Dispõe sobre o Marco Civil da Internet. Brasília, DF, 2014.

[CGI.br e o Marco Civil da Internet](#). Comitê Gestor da Internet no Brasil. 2013.

CHEMIN, Irene do Planalto. [“Aprender sobre a cultura e diversidade que existe na nossa escola”: produzindo e experimentando podcasts de Antropologia no ensino médio](#). 2023. 149 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2023b.

DA HORA, Nina. [Da neutralidade à IA decolonial](#). **Revista ComCiência**, dossiê 254, 2024.

DA Hora, Nina. [Não há neutralidade, e agora IA?](#). **Fundação Roberto Marinho**, 2022.

DE JESUS, Tuany Nathany Alves; SILVA, Gislaine. [Notas sobre a ‘Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano’](#). **e-Com**, v. 14, p. 168-174, 2021.

FELINTO, Erick. [Novas tecnologias, antigos mitos: apontamentos para uma definição operatória de imaginário tecnológico](#). **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**, n. 6, 2003.

FLEISCHER, Soraya; NORONHA, Ana Luiza. [Podcast, Educação e Antropologia: uma revisão bibliográfica \(2019-2022\)](#). **Revista Café com Sociologia**, v. 11, 2022.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. **Antropologia do ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HINE, Christine; PARREIRAS, Carolina; LINS, Beatriz Accioly. [A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana](#). **Cadernos de Campo** (São Paulo-1991), v. 29, n. 2, p. e181370-e181370, 2020.

INOCÊNCIO, Luana; REBOUÇAS, Davi. [Já que é pra tombar, TOMBEI!: cultura do cancelamento, o tribunal da internet e representação de marcas nos memes do “close errado” de Karol Conká no BBB 21](#). **Anais do VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano**, 2021.

LE GUIN, Ursula K. "A Teoria da Bolsa da Ficção". São Paulo: n-1 edições, 2021.

LOPES, Jacqueline Paulino; FERREIRA, Larissa Monforte. [Breve histórico dos direitos das crianças e dos adolescentes e as inovações do estatuto da criança e do adolescente—lei 12.010/09](#). **Revista do Curso de Direito da Faculdade de Humanidades e Direito**, v. 7, n. 7, p. 70-86, 2010.

MILLER, Daniel; HORST, Heather A. [O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital](#). **Parágrafo**, v. 3, n. 2, p. 91-112, 2015.

MENDONÇA, J. F.; VALENTE, T. C. de O.; CRUZ, J. A.; MARINHO, A. B.; SOARES, T. L.; SILVA, J. A. da; DANTAS, J. M.; SANTOS, R. P. dos; BARROS, W. C. S. de; BIDÁ, N. F. Q.; MARTINS, S. V. G.; FERREIRA, F. G. de S.; PINTO, V. S. S. C.; ARAÚJO, I. C. M. R. de; SANTANA, E. S. de. [O impacto das redes sociais na saúde mental dos adolescentes: mecanismos e intervenções](#). **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, [S. l.], v. 17, n. 10, p. e12222, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.10-499.

PARANÁ (Estado). [Estatuto da Criança e do Adolescente - Anexo 1](#). **Formação em Ação**, 2022.

PRENSKY, Marc. [Nativos digitais, imigrantes digitais](#). **NCB University Press**, Vol. 9 No. 5, October, 2001. (Texto traduzido).

VERASZTO, Estéfano Vizconde et al. [Tecnologia: buscando uma definição para o conceito](#). **Prisma.com**, n. 8, p. 19-46, 2009.